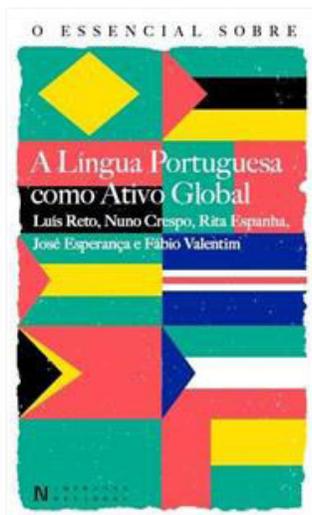


**RESENHA DE *O ESSENCIAL SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA COMO ATIVO GLOBAL*. DE LUÍS RETO (COORD.), NUNO CRESPO, RITA ESPANHA, JOSÉ ESPERANÇA E FÁBIO VALENTIM. LISBOA: IMPRENSA NACIONAL – CASA DA MOEDA, 2020**

Marcela Faria



*“[...] quaisquer que sejam os critérios utilizados para ordenar a importância das línguas nos nossos dias, a língua portuguesa mantém uma posição sólida entre as dez línguas mundiais mais importantes.” (RETO et al., 2020, p. 13)*

Coordenada por Luís Reto e escrita, além deste, por Nuno Crespo, Rita Espanha, José Esperança e Fábio Valentim, a obra *O Essencial sobre a Língua Portuguesa como Ativo Global*, publicada em primeira edição em julho de 2020, “vem na sequência de vários estudos e publicações sobre a língua

portuguesa enquanto ativo económico e estratégico dos países da CPLP, não tratando, por isso, de temáticas filológicas ou literárias” (RETO *et al.*, 2020, p. 11). A obra pretende, isso sim, mostrar como, de facto, o português é muito mais do que um código. Aliás, tal é claro quando se lê que nela se integra “uma primeira ordenação das 10 línguas mundiais mais relevantes”, tomando em consideração não apenas o número de falantes (L1 e L2) mas também “várias outras dimensões, como indicadores económicos, de influência ou de dispersão geográfica de cada comunidade linguística” (RETO *et al.*, 2020, p. 12). Falando-se de “relevância”, percebe-se de imediato que se está a olhar para a língua do lado de fora, pois que intrinsecamente há apenas lugar para descrição. Além dessa ordenação, os autores destacam, um pouco mais à frente, o propósito maior do trabalho:

De forma simples e sumária, fornecer ao público em geral alguns dados que ajudem a compreender o que foi a dinâmica da nossa língua, desde a sua estabilização por volta do século XV, o seu apogeu nos séculos seguintes como língua franca internacional, e a sua decadência até ao último quartel do século XX”. (RETO *et al.*, 2020, p. 15)

*O Essencial sobre A Língua Portuguesa como Ativo Global* é constituído por seis capítulos - Capítulo I – “A galáxia linguística atual”; Capítulo II – “De língua local a língua global”;

Capítulo III – “Dimensão económica da língua”; Capítulo IV – “Em busca de uma ordenação de línguas globais”; Capítulo V – “As redes do Instituto Camões e dos centros culturais do Brasil e o Instituto Internacional da Língua Portuguesa” e Capítulo VI – “Perceção e uso do português pelos estudantes do Camões, I. P.” -, secções antecedidas por uma oportuna Introdução. Nesse excerto preliminar, argumenta-se sobre a globalidade do português na medida em que é das poucas línguas que se destacam sob vários pontos de vista: língua com muitos falantes (contabilização de L1 e L2), com impacto global (língua oficial em diferentes países) e com distribuição geográfica notável (presente em vários continentes). Outras línguas têm, efetivamente, um número maior de falantes, mas sucumbem na dispersão geográfica e no ímpeto cultural que imprimem, ficando, por isso, num lugar de menor destaque quando se trata de abrangência geográfica, de globalidade. Tece-se neste ponto a ligação entre essa característica e o trabalho que tem vindo ser feito no âmbito da CPLP, evocando-se “um património comum, pertencente por inteiro a todos os seus falantes, que a todos pode trazer vantagens, quer nas relações bilaterais, quer na cena mundial” (RETO *et al.*, 2020, p. 14) e incita-se à continuação de esforços no mesmo sentido.

Os autores dividem, numa perspetiva teórica, a obra em três grandes partes – “a primeira contempla uma componente mais genérica sobre as problemáticas históricas, estratégica e económica” (Capítulos I, II e III); “a segunda é dedicada à apresentação dos resultados de um estudo comparado de 110 línguas” (Capítulo IV) e “a terceira parte é inteiramente dedicada à presença do português no mundo” (Capítulos V e VI) (RETO *et al.*, 2020, p. 17-18). Após as considerações finais, com carácter perlocutório de registo, e as obrigatórias referências bibliográficas, são não só indicadas as fontes estatísticas, documentais e institucionais de onde se partiu como são também apresentadas informações que estiveram na base da exposição de dados feita. Sem dúvida, uma macroestrutura eficiente.

No Capítulo I – “A galáxia linguística atual” é feita uma revisitação das ideias sobre como as línguas evoluem e sofrem aumentos e recuos no número de falantes; referem-se os impérios da Antiguidade e da Idade Média, e também os coloniais, e a conseqüente diminuição de diversidade linguística por dominância do sistema do conquistador, bem como se alude a essa conseqüência por outras causas como, por exemplo, a solidificação conseguida pela invenção de Gutenberg (RETO *et al.*, 2020, p. 19-21).

Além da globalização resultado do colonialismo, refere-se a “crescente taxa de urbanização das populações, que atinge todas as geografias do nosso planeta” como agente ameaçador da diversidade linguística (2020, p. 22). O título do capítulo justifica-se pela evocação do trabalho *Words of the World*, de Abraam Swaan, no qual o autor da obra urde a expressão “The Global Constellation”, sugerindo figuras de astronomia e física para explicar o que entende que sucede relativamente à afirmação de diferentes línguas (2020, p. 23). Swaan (2001) atribui ao inglês a posição de “astro” central, em torno do qual “gravitam outras línguas [...]” (RETO *et al.*, 2020, p. 23-24).

No Capítulo II – “De língua local a língua global”, recorda-se, recorrendo à asserção de Ostler (2005), que “o tempo das línguas é um tempo longo, pelo que apenas se pode medir em séculos e às vezes em milénios” (RETO *et al.*, 2020, p. 25). Elabora-se sobre o paradoxo de o português passar de língua “frágil e com uma autonomia e identidade tão recentes” a “primeira língua franca internacional em muito poucos anos” (2020, p. 25). Destaca-se o curto número da população portuguesa no séc. XV e justifica-se a prosperidade que a língua atingiu, entre outras causas, pelas “políticas públicas de línguas”, “o ensino do português

às elites dos novos povos” e “a criação de escolas locais e a difusão da fé católica [...] noutros continentes” (RETO *et al.*, 2020, p. 28-29). Acrescenta-se que o período glorioso da língua começa a desvanecer-se a par da “progressiva perda de força do nosso país na cena internacional” (2020, p. 29-30) e que é só no final do séc. XX que a língua portuguesa regressa ao panorama global, devendo-o “essencialmente a duas geografias: América do Sul e África Subsariana” (2020, p. 30). O peso económico que o Brasil tem vindo a alcançar e o aumento significativo do número de falantes em África (resultado do reconhecimento, pelos líderes desses países, do português como “um fator essencial na construção da identidade dos novos Estados-nação” e da “crescente taxa de alfabetização e de urbanização”) estão, referem os autores, na base da afirmação do português como “a língua que mais cresceu em todo o mundo, como primeira língua”, desde o século XV até ao presente (RETO *et al.*, 2020, p. 33-34). Aponta-se, ainda, tomando como base as projeções demográficas das Nações Unidas, a previsão de que, “a seguir à língua árabe, [...] o português será a língua materna que mais crescerá no século XXI” (2020, p. 35). O capítulo encerra-se, pertinentemente, com a pergunta: “Estarão Portugal e os restantes membros da CPLP à altura deste gigantesco desafio?”, à qual se responde, de imediato, com

duas condições necessárias: “um crescimento económico sustentável de todos os países da CPLP e uma Política de Língua estrategicamente assumida por toda a nossa comunidade linguística” (RETO *et al.*, 2020, p. 35 ).

No Capítulo III – “Dimensão económica da língua”, o sistema linguístico passa a ser abordado sob a perspetiva interessada dos economistas, pois que a língua é vista como “capital humano e [...] como facilitadora das trocas comerciais”, além de ser também encarada como “facilitadora do investimento estrangeiro, das migrações, do turismo e da mobilidade dos estudantes” (RETO *et al.*, 2020, p. 37). O interesse na aprendizagem de L2 (à parte questões de desenvolvimento pessoal *per se* e afetivas) é, referem, indissociável de questões económicas e “o valor do conhecimento de uma língua está relacionado com o número e a riqueza dos seus falantes” (RETO *et al.*, 2020, p. 37). Neste ponto dão-se exemplos de como o conhecimento de uma segunda língua, que se partilhe com uma comunidade com quem se estabelecem relações comerciais ou de integração, no caso de migrantes, se relaciona diretamente com melhores resultados económicos por parte das populações. Um maior número de ofertas de emprego para falantes com domínio de mais

do que uma língua, o aumento de turismo linguístico e demais atividades económicas em redor direto da língua, como o mercado livreiro (traduções) e o ensino, e ainda a facilidade acrescida em trocas comerciais (nomeadamente as bilaterais) entre países com sistemas linguísticos mais próximos (por exemplo, Portugal e Espanha) são alguns dos pontos referidos nesta secção (RETO *et al.*, 2020, p. 38-50). Os autores conseguem deixar bem patente a importância económica da língua, não restando dúvidas de que é um ativo que não deve, de maneira nenhuma, ser desconsiderado.

No Capítulo IV – “Em busca de uma ordenação de línguas globais” os autores expõem alguns dados que resultaram da consulta da base *Ethnologue* e também do *Power Language Index* (CHAN, 2016), em relação ao qual apresentam, e explicam, aliás, pontos de proximidade e distância (RETO *et al.*, 2020, p. 51-53). Ora, de uma forma muito resumida (evitando-se aqui a exposição exaustiva das opções metodológicas tomadas, dada a complexidade de articulação das variáveis e consequente reflexão), os autores situam o português segundo três ordenações: *número de falantes* (L1 70% + L2 30%); *falantes e dimensões adicionais de caracterização (impacto global)* (com cinco dimensões previstas) e *potencial* (falantes (40%), outras dimensões de

caracterização da língua e dos países em que é falada (40%) e previsões de evolução económica e demográfica (20%) (RETO *et al.*, 2020, p. 54-56; 66; 94).

No que toca à primeira, vê-se que o português surge como língua mais falada no quinto país mais populoso do mundo (Brasil) e que é a sétima língua mundial em número de falantes L1 e também se forem contabilizados em simultâneo os falantes de L1 e L2 (RETO *et al.*, 2020, p. 58).

Na segunda ordenação, os autores consideram cinco dimensões: “economia” (o português está fora do *top* 10); “recursos naturais e sustentabilidade” (aqui há uma subdivisão em cinco critérios, ficando, no final das contas, o português em terceiro lugar, a cerca de metade dos valores conseguidos pelo segundo lugar, o espanhol); “comunicação” (o português alcança a quinta posição no que toca ao número de utilizadores de internet e a nona posição quando se considera, em conjunto, a variável “origem dos artigos na Wikipedia”); “educação, cultura e ciência” (para aferição desta dimensão, são conjugadas onze variáveis; nos resultados finais, o português surge em nono lugar) e “influência mundial”/“presença global” (estando em causa a conjugação de quatro variáveis, o português ocupa o sétimo lugar nesta dimensão) (RETO *et al.*, 2020, p. 66-

91). Contabilizando devidamente as cinco dimensões acima descritas, o português ocupa o oitavo lugar no impacto global e a sétima posição quando são conjugados, a 50%, os fatores “falantes” e “impacto global” (2020, p. 92).

Relativamente à terceira ordenação, num primeiro momento, tomando apenas a conjugação de “duas variáveis, uma de médio e outra de longo prazo: a evolução económica até 2023 (PIB PPC) e as previsões de evolução demográfica até ao final de século (2100)” (RETO *et al.*, 2020, p. 94), o português fica em sexto lugar. Seguidamente, aplicando-se a fórmula definida para a terceira, e última, ordenação, ou seja, conjugando-se os fatores “Ordenação de falantes (L1+L2) – 40%; Ordenação do impacto global (cinco dimensões) – 40%; Ordenação do potencial (duas variáveis) – 20%”, a língua portuguesa acaba por surgir na mesma posição: o sexto lugar (2020, p. 95). Tentar estabelecer estas hierarquizações não é, como justamente referem os autores na conclusão da secção, “tarefa fácil, pelo elevado número de dimensões envolvidas mas, também, pela falta de bases de dados que contenham a informação necessária e comparável para cerca de 100 línguas” (RETO *et al.*, 2020, p. 97), contudo a iniciativa acaba por revelar-se produtiva porquanto possibilita uma macroleitura sustentada. Conclui-se que

o caso da língua portuguesa é relativamente atípico [...], porque, estando sempre presente em todas as ordenações ocupando as 7ª e 6ª posições, apresenta duas dimensões de alguma debilidade (a economia e falantes L2), ostentando porém pontos fortes ao nível dos falantes maternos, dos recursos naturais e da presença global. (2020, p. 98)

No Capítulo V – “As redes do Instituto Camões e dos centros culturais do Brasil e o Instituto Internacional da Língua Portuguesa” é feito um retrato sumário das instituições mencionadas no título e é apontada, com um relato numérico da extensão das atividades desenvolvidas, a importância de cada uma na promoção da língua portuguesa. Comprovadas as vantagens que advêm da existência destas redes de conhecimento, conclui-se, bem, que o caminho a fazer é o de reforço, “acompanhando a procura e a diversidade de usos, naquilo que a própria língua representa na cultura global” (RETO *et al.*, p. 112).

Por último, no Capítulo VI – “Perceção e uso do português pelos estudantes do Camões, I. P.” são apresentados “os principais resultados e a análise de três inquéritos aplicados a estudantes do Camões, I. P”, com o intuito de se perceber melhor quais são “as razões, as motivações e os valores associados ao interesse pela língua portuguesa entre os

estudantes estrangeiros” (RETO *et al.*, 2020, p. 115). A análise dos resultados é feita apenas de forma descritiva por serem “inquéritos com naturezas, formas de aplicação e amostragem muito distintas” (2020, p. 115). Deixam-se algumas notas que permitem “traçar o perfil do estudante de português” e “afirmar que a procura pelo estudo e aprendizagem da língua portuguesa está a aumentar”, “é bastante diversificada e acontece um pouco por todas as regiões do globo” (RETO *et al.*, 2020, p. 135).

Dentro do registo em que se insere – a coleção *O Essencial sobre -*, a obra cumpre assertivamente os propósitos da sua criação. Embora pudessem ser apontadas duas ou três observações técnicas menos positivas (por exemplo, a inexistência de um índice mais detalhado e alguma repetição de ideias em partes das reflexões) - como, aliás, pode sempre fazer-se numa nova leitura de qualquer texto, até mesmo deste (recorda-se aqui o livro *The Craft of Revision*, de David Murray, e a interessantíssima recensão feita por Pinto (2013)) - é a vasta e eficaz apresentação dos dados e a problematização destes que merecem um forte sublinhado. Não obstante, não é certo que todas as observações feitas pelos autores sejam igualmente robustas no que à sustentação diz respeito. Dúvidas podem ser levantadas sobre, por exemplo, a solidez

da segunda ordenação que apresentam, dada a incapacidade empírica de uma medição exata de tantas variáveis em cada uma das dimensões, e, mais ainda, sobre a solidez da terceira ordenação que apontam, com uma listagem baseada em previsões (sem que se discuta aqui o que implica exatamente o uso de “previsões” ou “projeções”). Quanto a este último ponto, recordem-se as afirmações dos próprios autores, na página 138: “Nenhuma projeção poderia supor que cinco séculos depois haveria mais de 260 milhões de falantes e que no fim deste século este número poderá ter duplicado” e “[...]o Brasil, hoje a nona potência económica do mundo, não teve o crescimento económico previsto que apontava para que hoje fosse já a quinta economia mundial”. Impor-se-á uma pergunta: que importância deve ser dada a projeções/previsões? Não acabam por ser, quando demasiadamente consideradas, um agente potenciador de inação? Sem se iniciar uma discussão filosófico-matemática densa, e sem se pretender desvalorizar totalmente o papel desse mecanismo visionário nas reflexões prévias a tomadas de decisão, talvez não fosse pior não olhar tanto para as projeções/previsões animadoras que foram lançadas (e ainda bem que são animadoras) e tratar de fazer já o que depende efetivamente da ação, por exemplo, da CPLP e dos restantes intervenientes, isto é, continuar o bom trabalho que se tem feito e melhorar

nos pontos diagnosticados como menos positivos, que os há, “sem medo de perda de protagonismos nacionais”, como dizem, muito bem, os autores. Na percepção de que a língua é um bem maior que é de todos e não é de ninguém, justifica-se a evocação de Pessoa, como, de resto, também fazem os autores da obra em apreço: “Minha pátria é a língua portuguesa”. Quem, estando fora do seu país, não se sente um pouco mais em casa ouvindo a sua língua? Para se continuar o bom trabalho referido atrás, é, com certeza, necessário investimento; estabelecendo-se aqui a ligação inquestionável à necessidade de economias mais fortes, desde logo pelo facto de o efeito negativo mais imediato ser - no que à questão linguística diz respeito - “a diminuição de ‘valor de mercado’ da língua” (RETO *et al.*, 2020, p. 138). Não sendo, de todo, possível escapar a essa necessidade de fortificar as economias dos países, talvez se levante a hipótese de, acrescentar ao que já é alocado pelos governos, se encontrar novas formas de financiamento, quiçá junto dos chamados gigantes (tecnológicos e outros), nas quais o conceito de mecenato poderá fazer muito sentido.

Poder-se-á concordar ou não com a metodologia aplicada, poder-se-á concordar ou não com as observações deixadas, mas o valor da obra no seu todo, como síntese e ponto

de situação, é inegável. Obras deste género fazem, sem dúvida, cada vez mais sentido num tempo como este, em que o futuro se transforma em passado a uma velocidade impetuosa, sendo essencial que se tenha o presente bem documentado. Saibamos parar para ler o que nos pode fazer pensar melhor sobre o que nos espera, que, em parte, já está aqui mesmo à nossa frente.

### Referências

- Chan, K. Power Language Index: *Which are the World's most influential languages?* INSEAD, 2016.
- Ostler, Nicholas. *Empires of the World: A Language History of the World*, London, Harper Collins, 2005.
- Pinto, M. da G. L. C. Recensão crítica de David MURRAY. The craft of revision. Fifth Edition. *Linguarum Arena* - Revista do Programa Doutoral em Didática das Línguas da Universidade do Porto, p. 125-132, 2013.
- Swaan, Abram. *Words of the World*. London, Blackwell Publishers. 2001.

### Marcela Faria

Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal.

Mestre em Linguística, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.

Membro/investigadora no Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP).

E-mail: [marcelafsfaria@gmail.com](mailto:marcelafsfaria@gmail.com)

CiênciaVita: <https://www.cienciavita.pt/portal/1715-DB9E-EA62>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0506-7007>